

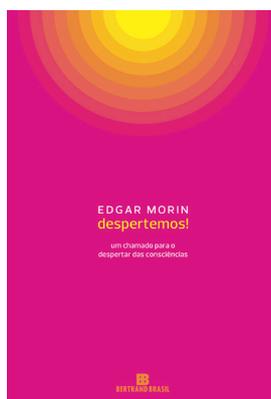
## Progressos podem ser provisórios: um manifesto contra as forças de regressão

Progress can be provisional:  
a manifesto against the forces of regression

Progresos pueden ser provisionales:  
un manifiesto contra las fuerzas de la regresión

Carlos Eduardo Campos Freire<sup>1</sup>  

Maria da Conceição Xavier de Almeida<sup>2</sup>  



MORIN, Edgar. **Despertemos! Um chamado para o despertar das consciências**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2023

### RESUMO

A história é um caminho acidentado, marcado simultaneamente por progressos e regressos derivados de fatores que são incontornáveis, de modo que, mesmo no interior de um avanço político-social ou de inovações tecnológicas, habitam as correlações de forças que operam contra o êxito das conquistas. Este é o dado da realidade que move Edgar Morin ao longo dos quatro capítulos do livro *Despertemos*, um manifesto contra a displicência sociológica, política e cultural.

### ABSTRACT

History is a bumpy road, marked simultaneously by progress and regression derived from factors that are uncontrollable, so that, even within a political-social advance or technological innovation, there are correlations of forces that work against the success of the conquests. This is the reality that drives Edgar Morin throughout the four chapters of his book *Despertermos*, a manifesto against sociological, political, and cultural abandon.

### RESUMEN

La historia es un camino accidentado, marcado simultáneamente por avances y regresiones derivadas de factores que son incontornables, de modo que, incluso dentro de un avance político-social o de una innovación tecnológica, existen correlaciones de fuerzas que actúan en contra del éxito de los logros. Esta es la realidad que mueve a Edgar Morin a lo largo de los cuatro capítulos de su libro *Despertermos*, un manifiesto contra la displicencia sociológica, política y cultural.

1 Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professor do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN). Pesquisador do Grupo de Estudos da Complexidade (GRECOM), Natal, Rio Grande do Norte, Brasil. Endereço para correspondência: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Educação, Departamento de Fundamentos e Políticas da Educação, CEP 59072-970, Natal, RN, Brasil. E-mail: cadubio.grecom@gmail.com

2 Doutora em Ciências Sociais (Antropologia) pela PUCSP. Professora Titular da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, atuando junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação e ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Fundadora e coordenadora do Grupo de Estudos da Complexidade (GRECOM) e Membro da Association pour la Pensée Complexe, Paris. Endereço para correspondência: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Educação, Departamento de Fundamentos e Políticas da Educação, CEP 59072-970, Natal, RN, Brasil. E-mail: calmeida17@hotmail.com

Avanços sociais, culturais e políticos são parasitados por forças de regressão que, mesmo vencidas pela irrupção de uma nova consciência ou pela conquista de direitos inalienáveis, permanecem à espreita dos progressos que venceram o atraso, as disposições retrógradas, reacionárias e destrutivas do processo civilizacional. Afinal, são a outra face das ações humanas, sempre marcadas pela imperfeição e contingências. Mudanças qualitativas no seio das sociedades, apesar da sua importância e do seu legado histórico, podem ser circunstanciais, porque se mostram vulneráveis às oscilações das conjunturas locais e globais. Intelectuais, pensadores e humanistas devem permanecer em estado de alerta para, primeiro, não desistir das lutas por um mundo melhor se satisfazendo com vitórias pontuais, e, segundo, para mobilizar seu pensamento em direção a uma tomada de posição diuturna e incansavelmente vigilante, pois superar o atraso, os erros crassos e as mentiras políticas que tentam escamoteá-los passa necessariamente por uma maneira inexpugnável de pensar. Essa poderia ser uma forma de apresentar, de um modo sintético, o livro *Despertemos! Um chamado para o despertar das consciências*, de Edgar Morin, publicado pela editora Bertrand Brasil, neste ano de 2023.

Este, que pode parecer um compromisso apenas de quem lida profissionalmente com os saberes, expõe a emergência geral de uma nova era que se mostra atravessada por ambivalências, por problemas cada vez mais interagentes e pela proliferação de crises interdependentes. Tais crises apresentam amplitudes que envolvem as populações espalhadas pelo planeta e interpelam até mesmo quem poderia se desvencilhar daquele compromisso, recorrendo à sua condição de leigo acerca de temas específicos, disciplinares ou acadêmicos. A esquiva do compromisso pode até surtir algum efeito de ordem pessoal, mas não impedirá o seu operador de sofrer com as consequências de um tempo de deflagração total nos países e no mundo. É para essas questões que o livro *Despertemos! Um chamado para o despertar das consciências* chama a atenção. Além de ser uma intervenção no debate público, o texto é um manifesto acerca da necessidade de sair da situação de sonambulismo geral à qual caminha o cotidiano.

Em seu manifesto, o intelectual francês problematiza questões fundamentais do passado, do presente e do futuro dos humanos e de suas relações político-culturais. A partir da Revolução Francesa e de seus desdobramentos, Morin elabora uma discussão histórica acerca da natureza daquela Revolução e dos padrões humanitários que instaurou levando em consideração que, mesmo em efervescência política irrefreável, a França experimentou momentos de instabilidade e retrocessos no interior dos seus progressos mais notáveis. Estes precisaram ser ferrenhamente combatidos, mesmo havendo tendências majoritárias que favoreciam a conjuntura de transformações estruturais. Partindo da experiência paradoxal do seu país, então, Edgar Morin mostra que não há tempo e espaços a deixar vazios no embate político. Seguindo a lógica do pensar global e agir local, o intelectual elabora sua denúncia, dividida em quatro capítulos.

No primeiro capítulo, intitulado *Duas França em uma*, o autor faz uma reflexão retrospectiva baseada nos processos de limpeza étnico-religiosa ocorridos na França, particularmente, e na Europa, de modo geral, que, tanto no passado quanto em momentos atuais de ascensão de protecionismos nacionalistas, significaram demonstrações de perversões sociais sobre as quais devem pesar o repúdio de civilizações humanistas. Morin contextuali-

za seu raciocínio concebendo a constituição do país feita por povos heterogêneos e refletindo que isso foi fundamental para a concepção de um país multissecular e multiétnico, o que depõe contra a França reacionária e contra qualquer uma das suas variações ideológicas. As duas França e seus valores estão postos um frente ao outro, enquanto um país inteiro precisa lidar com dificuldades prementes que, por sua natureza, não esperam que abstrações teóricas ou conceituais sejam articuladas para somente depois provocarem ações coletivas.

Tensionado por concepções distintas de sociedade, principalmente motivado por injustiças e profundas desigualdades, o povo francês se situa em uma dicotomia por vezes contraproducente: por um lado, há uma França mais humanista e republicana, herdeira dos ideais revolucionários de 1789; por outro, uma França apegada a um passado monárquico. Esta bipolaridade ensejou disputas ideológicas e contradições constantes. A esquerda francesa, ligada ao comunismo da União Soviética e aos seus ideais, empolgada com a natureza fraterna do sistema político da URSS, não conseguiu perceber as barbáries do stalinismo real. A direita, vinculada ao fascismo, alegava que a derrocada do país enquanto nação se devia justamente às escolhas e à ingenuidade dos seus opostos. Dessa lógica protecionista, caracterizada pela negação do pluralismo cultural e pelo fechamento identitário, surgiu a extrema direita francesa.

O arrefecimento da luta da esquerda por seus ideais no pós-guerra fez a direita evoluir para aceitar as regras do jogo democrático, contudo, sem abandonar o seu posto de porta-voz do capitalismo, que, a partir de então, com o advento do Estado de bem-estar social, poderia continuar sua exploração com uma feição menos horrorosa, a partir da composição entre trabalho e capital. Os intelectuais da esquerda logo foram substituídos por intelectuais da direita, cujos posicionamentos se aferram a pautas identitárias por meio das quais podem apelar às sensibilidades morais do grande público. Isso, aliás, sempre serviu de justificativa para a limpeza étnica europeia. A imigração e os imigrantes são as primeiras vítimas desse processo de recrudescimento da identidade nacional, naquilo que foi discutido por Claude Lévi-Strauss (citado por Morin no livro) como limiar de tolerância, ou seja, a oportunidade para exercitar valores de solidariedade e acolhimento.

A direita nacionalista francesa tende a perder essa oportunidade e transformá-la em circunstância para a intolerância, promovida pela criação e incriminação constante de bodes expiatórios. Nesse ponto é que se demonstra a necessidade de combinar políticas com necessidades humanas extraterritoriais; necessidade obviamente ignorada pela direita. Nesse sentido, a oposição entre uma política humanista e a falta de humanidade, assumida e percebida em uma França raivosa e reacionária, além de ficar evidente e depor contra um país que se orgulha dos seus progressos, pode também ser entendida como um movimento global histórico que colhe nações igualmente desenvolvidas. Na esteira da crise francesa, narrada por Morin no primeiro capítulo, a discussão sobre o tema e as incertezas oriundas desse panorama se aprofunda no segundo capítulo, em que o autor retoma a questão e define qual é a maior das crises que permeia aqueles desafios: a do pensamento.

Intitulado *Uma nova era antropológica*, o segundo capítulo exercita uma reflexão sobre a ética das práticas científicas. O pensador francês, que dedicou boa parte da sua obra à busca por reformar o pensamento e encontrar alternativas para compreender melhor a rea-

lidade, demonstra a percepção de que, em 75 anos, desde os acontecimentos de Hiroshima e Nagasaki, as contradições do pensamento científico se aprofundaram e expuseram cada vez mais sua face irracional a partir da produção de materiais e equipamentos capazes de matar e aniquilar a vida na Terra. A técnica avançada não foi capaz de controlar os instintos e civilizar os conhecimentos que, dotados de um certo senso de onipotência e da vontade de poder dos Estados, passaram a dominar as racionalidades que deveriam sujeitá-los. A ciência, tratada pelo autor como o grande “oráculo da modernidade”, padece da ausência de autorreflexão e assume um duplo papel – o de viabilizar mais condições de vida e o de matar em escala industrial.

O frenesi causado pelo poder oriundo da trindade ciência-tecnologia-economia, cada vez mais instigado pela busca insaciável do lucro capitalista, potencializa as energias dos Estados neoautoritários que fazem guerra com suas armas de autodestruição em massa ao invés de lidar com os graves problemas ambientais que eclodem a todo momento. Por causa disso, o antropoceno, a era do protagonismo dos humanos e das suas relações produtivas, também é a era do tanatoceno, o tempo da morte como destino generalizado. A ciência, pois, já não pode ostentar a sua imagem de ente irrepreensível sem ter o auxílio de agentes e racionalidades que sejam copartícipes da experiência de extinção dissimulada da vida e dos seres vivos. Ao ter esse auxílio, no entanto, a cumplicidade para a morte que os anela fica exposta. Como Edgar Morin o fez nesse seu manifesto, devemos repetir em todas as nossas práticas intelectivas e políticas a crítica e a oposição à ciência onipotente e irreflexiva, afinal a era que surge mostra que o destino da Terra, da vida e da humanidade são indissociáveis.

A bem da verdade, a frenética evolução tecnológica humana de um curto espaço de tempo possibilitou reflexões de ordem antropológica a partir das quais o humano foi colocado em perspectiva de mudança ou de solução para seus problemas. Surgido na década de 1980, o transumanismo é uma das expressões dessas reflexões mais vultuosas. Suas propostas são tanto mais pretensiosas quanto inócuas, porque, segundo sustenta Morin, o transumanismo é uma espécie de aprendiz de feiticeiro equivocado que encontra soluções mágicas para problemas complexos. O surgimento de inovações biotecnológicas, como, por exemplo, os relacionados à inteligência artificial, tornam as possibilidades de desenvolvimento humano maiores do que até mesmo os filmes de ficção científica poderiam supor. Todavia, não o fazem e perdem a oportunidade de regenerar o que de fato deveria ser levado em consideração, porque é de si que emanam os valores necessários para uma melhor vida coletiva: o humanismo.

Somados a todos esses aspectos, a onda do neoliberalismo e da globalização acaba por tornar o futuro humano ainda mais incerto. As fronteiras globais em torno do capital e do lucro são cada vez menos perceptíveis e mais agressivas. As mega alianças de multinacionais tornam a exploração do meio ambiente cada vez mais voraz, aumentando os níveis de insalubridade do planeta e, por conseguinte, multiplicando as áreas e as populações marginalizadas e vulneráveis, como se o planeta e as condições de sobrevivência impostas não pudessem reagir sobre sua causa. Podem e reagiram, segundo Morin, com a pandemia do Covid-19. As relações de autonomia e dependência das nações ficaram em xeque e acirram os fechamentos identitários, o que gerou um mundo habitado por deserdados, já que,

conforme sustenta o autor, todos estão no coração da crise e a crise está no coração da humanidade, de modo que ninguém pode escapar por muito tempo de uma calamidade global.

Em seu terceiro capítulo, *A crise do pensamento e o pensamento da crise*, o manifesto aprofunda a ideia e a necessidade da reforma do pensamento como um imperativo para a era em que a morte matiza as relações e as políticas públicas. Para elaborar o tema, Morin discute a noção de crise e mostra que é preciso ter em mente que toda crise constitui uma perturbação que afeta em maior ou menor grau a estabilidade de um sistema. Toda crise possui simultaneamente um potencial de destruição e de reinvenção. As soluções podem ser de diferentes ordens, do polo conservador até o revolucionário, passando por um que seja reformador. Na busca por encontrar respostas, a imaginação criativa e o imaginário reacionário disputam espaço político para resolver a instabilidade das crises. Ninguém poderá ter certeza qual destas duas concepções de mundo sairá vitoriosa do embate, afinal a incerteza sempre se insurge como dado fundamental de toda e qualquer conjuntura de crise. Exatamente por isso é necessário mudar a maneira de pensar a fim de tornar o incerto um elemento que não pode ser subestimado ou ignorado.

Cumprido, então, mudar paradigmas da racionalidade científica. É perceptível e preocupante a dificuldade que cientistas, técnicos e políticos têm para analisar problemas de forma global a partir da sua esfera de ação, porque a era em curso prioritariamente demanda que, ao se debruçar sobre suas questões e sobre o destino de todos que coabitam este planeta, aqueles agentes do pensamento e da ação saibam que há uma espécie de solidariedade inextricável entre os problemas. Como nações, os países comungam destinos, mas também perigos. O racionalismo estreito e hiperespecializado, por definição, não concebe a abertura para o todo a partir das partes, e vice-versa. Sua contribuição é tão limitada quanto a sua percepção da realidade, que padece com crises antropológicas, ecológicas, econômicas, civilizacionais e históricas. Enquanto mantiver suas preocupações voltadas para aquilo que suas especialidades dominam, os especialistas continuarão a se surpreender com a capacidade do real subjugar suas teorias e formulações.

Não deve ser assim, posto que todos estão igualmente implicados com o futuro da vida no planeta, e é a essa discussão que Edgar Morin se volta no quarto e último capítulo, *Voltar à nossa Terra*. Para o pensador, é preciso voltar à Terra e perceber as ameaças que a rondam, posto que os progressos tecno-econômicos, apesar da sua aparente qualidade inquestionável, oferecem perigos mortais e nos afastam da nossa relação com os outros seres vivos. Homens e mulheres precisam se conscientizar do seu lugar na Terra a fim de respeitar os seus limites, de modo a manter permanente a comunhão dos seus rumos ao adaptar as sociedades à natureza. Isso é necessário porque a mente humana, ao se tornar unilateral, superdesenvolveu seus poderes sobre o mundo físico e sobre o mundo vivo ao se dissociar da biosfera da qual nunca se assenhorará e da qual depende absolutamente, já que os humanos, como seres biológicos e culturais, têm um vínculo consubstancial com a natureza.

É necessário, portanto, insistir na necessidade de mudar as concepções de vida e do vivo para qualificar as convivências. Uma mudança desse porte não é simples nem rápida, porque enseja uma transformação nas relações sociais de consumo e na produção no in-

terior das nações que, segundo Morin, devem se aproximar da ideia de Terra-Pátria, isto é, a falência da oposição entre o universal e o patriótico, o planeta como uma grande nação para a qual todos devem destinar seus cuidados e suas políticas protetivas, o que enseja comprometimento político, claro, mas também reflexivo e científico. Com a proposição, o que Edgar Morin tem em perspectiva é a retomada de uma política humanista de salvação pública, capaz de produzir diversas outras políticas específicas para tratar das urgências que marcam a era na qual tanto a França quanto o mundo estão implicados inexoravelmente.

Para essa tomada de consciência acontecer é necessário estimular e desenvolver mentes interrogativas, críticas e capazes de problematizar, de duvidar e de se opor às outras, mas também de se autocriticar. Não haverá futuro possível se as racionalidades dos sujeitos permanecerem indolentes ou indiferentes. A sorte do estrangeiro é, também, a sorte do conhecido. O outro não é apenas um problema de terceiros; o outro é um concidadão que interpela, por isso, é tão importante quanto o familiar. Dessa constatação, surge a proposta final do autor em seu livro: não é possível construir o melhor dos mundos, entretanto, isso não impede a luta por um mundo melhor, por meio de princípios de esperança, que são, na verdade, atitudes e tomadas de posição: a aposta no improvável. Deve-se acreditar nas possibilidades e na criatividade da mente humana para lidar com as crises, apesar das tensões, e basear as lutas na impossibilidade de um sistema que transforma pessoas e sociedades em máquinas para durar infinitamente.

Apesar do tom relativamente pessimista utilizado por Edgar Morin no livro, seu manifesto conclama à uma virada ontológica que passa por uma reforma epistemológica. De fácil compreensão e de contundência argumentativa, em virtude da sua capacidade de demonstrar o amplo nível de envolvimento que as questões apresentadas na obra engendram, *Despertemos!* é um livro para ser lido pelo grande público e um lembrete aos especialistas do conhecimento: o que se sabe e como se sabe, quando não estão a serviço da degeneração, mostram-se insuficientes para lidar com os desafios do século. O conhecimento, as ciências e os cientistas não devem se acomodar e não podem ceder sem resistir aos assédios do grande capital e tampouco se iludir com os progressos financiados pelo poder econômico; devem resistir às forças de regressão como quem luta pela sobrevivência em uma selva cheia de predadores. Será isso ou a barbárie.

### Histórico

Recebido: 30 de junho de 2023.

Aceito: 24 de julho de 2023.

Publicado: 23 de agosto de 2023.

### Como citar – ABNT

FREIRE, Carlos Eduardo Campos; ALMEIDA, Maria da Conceição Xavier de. Progressos podem ser provisórios: um manifesto contra as forças de regressão. *Revista de Matemática, Ensino e Cultura – REMATEC*, Belém/PA, n. 43, e2023030, 2023.

<https://doi.org/10.37084/REMATEC.1980-3141.2023.n43.pe2023030.id526>

### Como citar – APA

FREIRE, C. E. C.; ALMEIDA, M. C. X. (2023). Progressos podem ser provisórios: um manifesto contra as forças de regressão. *Revista de Matemática, Ensino e Cultura – REMATEC*, (43), e2023030.

<https://doi.org/10.37084/REMATEC.1980-3141.2023.n43.pe2023030.id526>